



# “Ser ou não ser” digno de uma história de amor: inovações do ChatGPT e persistência colonial na validação de existências

“To be or not to be” worthy of a love story: ChatGPT innovations and colonial persistence in validating existences

*Bruna Ximenes CORAZZA\**

*Douglas Vinicius Souza SILVA\*\**

*Cynthia Agra de Brito NEVES\*\*\**

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo refletir criticamente sobre a linguagem utilizada nas respostas a interações com a recente inovação tecnológica, o ChatGPT, a partir da perspectiva da performatividade interseccional e da abordagem decolonial. Solicitamos ao chat para contar uma história de amor e analisamos as narrativas produzidas pela máquina e suas reformulações de acordo com as intervenções humanas oportunamente realizadas. Destacam-se os repetidos pedidos de desculpas do ChatGPT, a presença marcante de estereótipos na descrição das personagens e a criação de enredos românticos, muitas vezes, à maneira dos contos de fadas. Tais recorrências nos revelam que, por trás dessas inovações tecnológicas do presente, há muito mais do passado do que supõe nossa vã filosofia. Os resultados obtidos nesta pesquisa experimental que analisa as narrativas de amor produzidas pela IA apontam para a propagação de uma visão de mundo capitalista, ocidental, branca, hegemônica, cis-heteronormativa, arquetípica do Norte Global, o que nos fez concluir que as histórias românticas fabricadas pelo ChatGPT contribuem para manter a ordem colonial dos discursos, que validam ou não raça, gênero, classe, sexualidade, cultura e existências – o ser ou não ser, portanto. Por essa razão, torna-se urgente assumir uma posição crítica e emancipadora com relação ao datacolonialismo, sobretudo nos campos da linguagem e da educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** ChatGPT. Decolonialidade. Performatividade. Datacolonialismo. Interseccionalidade.

**ABSTRACT:** This paper aims to critically reflect on the language used in responses to interactions with the recent technological innovation, ChatGPT, from the perspective of intersectional performativity and the decolonial approach. We asked the chat to tell a love story and analyzed the narratives produced by the machine and their reformulations

---

\* Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). [brunaxcorazza@gmail.com](mailto:brunaxcorazza@gmail.com)

\*\* Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). [dodo.vinicius.ds@gmail.com](mailto:dodo.vinicius.ds@gmail.com)

\*\*\* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do Departamento de Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). [cynneves@unicamp.br](mailto:cynneves@unicamp.br)

according to the human interventions that were made. What stands out are ChatGPT's repeated apologies, the marked presence of stereotypes in the description of the characters and the creation of romantic plots, often in the style of fairy tales. These recurrences reveal that, behind these technological innovations of the present, there is much more of the past than our vain philosophy supposes. The results obtained in this experimental research that analyzes the love narratives produced by AI point to the propagation of a capitalist, Western, white, hegemonic, cis-heteronormative, archetypal worldview of the Global North, which has led us to conclude that the romantic stories manufactured by ChatGPT contribute to maintaining the colonial order of discourses, which validate or not validate race, gender, class, sexuality, culture and existences - being or not being, therefore. For this reason, it is urgent to take a critical and emancipatory stance towards datacolonialism, especially in the fields of language and education.

**KEYWORDS:** ChatGPT. Decoloniality. Performativity. Datacolonialism. Intersectionality.

Artigo recebido em: 13.05.2024

Artigo aprovado em: 18.07.2024

## 1 Introdução

*Depois que inventaram a desculpa  
nunca mais morreu ninguém  
(Mano Brown)*

“Era uma vez, em uma pequena cidade cercada por colinas verdejantes, duas almas destinadas a se encontrarem. A vida de Lucas e Sofia estava prestes a ser transformada por um amor que transcendia todas as barreiras”. Assim começa a história de amor criada pelo ChatGPT ao responder ao nosso comando: “crie um conto de amor”. Na paisagem bucólica de “colinas verdejantes”, “duas almas destinadas a se encontrarem”, a de Lucas e Sofia, viverão um amor que “transcendia todas as barreiras”. Quem são esses personagens? Quais “barreiras” dificultam a concretização do amor dos dois?

O ChatGPT é a nova tecnologia que une a função de chat, referindo-se ao *chatbot* – um software que interage com um usuário humano – ao GPT, abreviação para *Generative Pre-trained Transformer*, em tradução livre: transformador pré-treinado

generativo. Segundo o site da OpenAI<sup>1</sup>, laboratório estadunidense de pesquisa de Inteligência Artificial (IA) que desenvolveu o chat, os modelos GPT “foram treinados para entender a linguagem e o código [e] fornecerem saídas de texto em resposta às suas entradas.” Em outras palavras, o ChatGPT nos possibilita dialogar com um “assistente virtual” que não só fornece respostas rápidas sobre qualquer assunto, como também possui a capacidade diferencial de criar textos a partir de informações já contidas nele. Neste artigo discutimos o que **não** é dito sobre tal ferramenta de IA.

Após solicitarmos repetidas vezes ao chat para contar histórias de amor<sup>2</sup>, reunimos um conjunto de narrativas produzidas que apresentam elementos em comum: enredos de um amor romântico clichê entre uma dupla de pessoas brancas e cis-heterossexuais. E, conseqüentemente, uma quantidade considerável de pedidos de desculpas da ferramenta por falta de diversidade nas respostas. A partir disso, questionamos: qual concepção de amor do ChatGPT que o leva a narrar sempre amores românticos entre casais de pessoas brancas e heteronormativas? Quais amores são validados como uma história digna de ser narrada? Quem seriam, afinal, os sujeitos do amor? E quem seriam os sujeitos da solidão? Que histórias de amor merecem ser compartilhadas e que sujeitos podem gozar dos seus direitos?

Partindo de uma abordagem decolonial e considerando as identidades de maneira interseccional, este artigo pretende interpretar as narrativas de amor geradas pelo ChatGPT, analisando os efeitos pragmáticos e performativos dessas histórias que, a nosso ver, reforçam a hegemonia e o privilégio históricos de determinados sujeitos em detrimento de outros. Pretendemos, com isso, refletir sobre como essa inovação tecnológica, alimentada pela linguagem da programação digital, em nada altera as relações de linguagem e poder; ao contrário, contribui para manter a velha estrutura colonial que sempre apagou e silenciou sujeitos subalternizados. Propomos, por fim,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://platform.openai.com/docs/guides/gpt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

<sup>2</sup> Neste artigo, optamos por utilizar a versão do ChatGPT – 3.5, versão de demonstração lançada pela OpenAI, por ser de acesso gratuito e, portanto, mais democrática do que a versão sucessora, o GPT-4, disponível apenas para assinantes.

que nós, seres humanos, invistamos em letramentos críticos (Monte Mór *et al.*, 2021; Freire, 2022) que questionem e recriem as narrativas e as existências, na luta pela pluralidade de histórias, de validações e de dignidades.

Este artigo está organizado em três seções. Na primeira delas, discutimos a urgência em pensar caminhos para decolonizar essa “Inteligência”, notadamente centrada em uma linguagem dominada pelas vozes do Norte Global e que, portanto, na esteira de Quijano (2005), coloniza o saber, o ser e o poder. Em seguida, analisamos os dados gerados pelo chat a partir da concepção de linguagem na perspectiva da performatividade interseccional, passando pela desconstrução da ideia do “amor romântico” para, na sequência, discutirmos sobre o pacto da branquitude e as “alucinações” da IA, com o intuito de corroborar a reflexão sobre o desafio da decolonialidade (Quijano, 2005; Mignolo, 2017) no que diz respeito a inovações tecnológicas que incidem sobre a linguagem e, conseqüentemente, sobre a validação das existências – o “ser ou não ser” na contemporaneidade.

## 2 Datacolonialismo e alternativa decolonial

A ascensão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) é considerada, na contemporaneidade, essencial para o progresso humano. Embora essas inovações tragam inúmeros benefícios para diferentes aspectos da vida social, ainda mais quando atreladas ao uso da IA, é fundamental que observemos o movimento silencioso e assimétrico dos “anjos tronchos do Vale do Silício”<sup>3</sup> e refletir sobre os impactos dessas inovações da IA para “fora do Vale”<sup>4</sup>. Para lançar um olhar crítico a essas transformações digitais é fundamental que consideremos as epistemologias do Sul para questionar essa nova forma de colonialismo, o chamado **data colonialismo**: termo cunhado por Nick Couldry e Ulises Ali Mejias, e que ainda

---

<sup>3</sup> Licença poética a Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=22gCVzU9WUY>. Acesso em: 17 jan. 2024.

<sup>4</sup> Referência ao Vale do Silício, nos EUA, onde se concentra a maior parte das empresas de Tecnologia da Informação.

não tem uma tradução definida no Brasil, por isso, neste artigo, optamos por transitar entre o termo “datacolonialismo” e “colonialismo de dados”.

Couldry e Mejias (2019) alertam que o termo “colonialismo” não é utilizado no sentido de uma metáfora ou uma continuação histórica da colonização territorial, mas como uma nova forma de domínio própria do século XXI: o **colonialismo de dados**. Antes, a extração de recursos naturais e a exploração da força humana no trabalho se davam sob a forma de domínio do corpo do outro, o dominado. Atualmente, ocorre a apropriação da vida humana em geral, por meio da extração e produção de novos dados, o que os autores chamam de *data relations* ou *relaciones de datos* – semelhante a “relações baseadas em dados” – ou a datificação das relações humanas. Os autores apontam para a desenfreada extração de dados pessoais que as *Big Techs* realizam ao criarem espaços virtuais de interação social, a exemplo das redes sociais, lucrando, portanto, com esse novo formato de exploração, denominado por Shoshana Zuboff (2015) de **capitalismo de vigilância**, isto é, um novo tipo de capitalismo operado pelas grandes empresas de Tecnologia, “que aprofunda o abismo entre as nações mais ricas e mais pobres” (Cassino, 2021).

Levando em conta que essas grandes empresas exercem influência em todo o mundo, é possível suspeitar que não há diversidade epistêmica no desenvolvimento dessas novas tecnologias, tampouco clareza em relação às verdadeiras intenções das ferramentas em uso. Vale notar que, sobretudo nas tecnologias associadas à IA, existem, como este artigo convida a refletir, a imposição e a propagação, em larga escala, de uma visão de mundo que se pretende universal – a do homem branco do Norte Global –, o que instaura uma falsa verdade epistêmica, deslegitimando outras formas de ser e de saber. Cida Bento nos alerta que,

na perspectiva da personalidade autoritária está a convicção de que a visão de mundo de seu próprio grupo é o centro de tudo, e os demais são compreendidos a partir de seu modelo, ou seja, o etnocentrismo. Outra característica é que a personalidade autoritária requer um inimigo, porque precisa sempre projetar “para fora”, em grupos

considerados “minoritários” e periféricos, a raiva e o ressentimentos sociais (Bento, 2022, p. 31).

Contudo, acreditamos, conforme aponta Freire, que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” e que “dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens”, subscrevemo-nos aos manifestos e projetos-pilotos em defesa de uma IA decolonial, como o *manifesto.ai*, *decoloniza.ai* e *Tierra Común*, todos compostos por grupos de ativistas de diferentes áreas do conhecimento, que lutam por intervenções para a decolonização dos dados, principalmente na América Latina e no Sul Global:

Não buscamos consenso: valorizamos a diferença humana. Rejeitamos a ideia de que uma única estrutura epistêmica e modelo mundial possam governar universalmente. Rejeitamos a linguagem normativa ocidental de IA “ética” e sugestões de “inclusão” que não desestabilizam os padrões atuais de dominação e assimetrias de poder. Rejeitamos o simulacro ético por meio de princípios que buscam retocar, reforçar e embranquecer o status quo, limitando-se a amortecer seus efeitos devastadores. Rejeitamos aquelas iniciativas que não reconhecem como o social e o técnico estão interligados, e que as tecnologias têm impactos imateriais e materiais em corpos racializados, grupos étnicos, particularmente mulheres, de territórios específicos. A decolonialidade rejeita o divórcio entre o material e o imaterial, entre sentir e ser, saber, fazer e viver (Freire, 2022, p. 98)<sup>5</sup>.

É nessa perspectiva que o nosso artigo se insere: de alertar para o **perigo de uma história única**, como bem aponta Adichie (2019, p. 14), que cria estereótipos que “fazem com que uma história se torne a única história”. No nosso caso, advertimos que a história de amor solicitada ao ChatGPT repetidas vezes, traz, além da narrativa do amor romântico heterossexual, a descrição de uma mulher branca com “corpo

---

<sup>5</sup> Trecho em tradução livre do manifesto “Inteligência artificial: um manifesto decolonial”, de autoria de vinte especialistas de áreas diversas. Disponível em: <https://manifesto.ai/index1.html>. Acesso em: 28 jun. 2023.

esbelto”, “pele clara e suave”, “olhos [...] de um tom hipnotizante que variava entre um verde profundo e um azul intenso”, como discutiremos mais adiante.

Quijano (2005, p. 107) explica que “os dominantes chamaram a si mesmos de brancos”; logo, não é estranho que quando imaginamos os protagonistas de uma história, atribuímos o que convencionamos como branco para o tom de pele desses personagens. Aos sujeitos que não se enquadram na cor dos dominadores, ficaram reservados, ao longo das histórias contadas por meio de diversas mídias, dos livros às telas digitais, os papéis quase figurantes de “prestadores de serviços” ou, no máximo, de “coadjuvantes estereotipados”. Lélia Gonzalez (2020, p. 44) exemplifica o imaginário social em torno da mulher negra ou parda como “doméstica”, de modo que seus papéis ficaram restritos, respectivamente, à: “empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc.” ou “objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais”.

Esse é o desenho histórico que mantém a hegemonia colonial, permitindo-nos afirmar que os rastros da colonialidade persistem, inclusive, em dados digitais. E de forma silenciosa, o que nos parece mais grave e desafiador. Por isso, como nos lembra Audre Lorde, escritora negra, lésbica e filha de imigrantes caribenhos, em seu livro *Irmã Outsider*: é urgente transformar o silêncio em ação, pois temos “um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós” (Lorde, 2019, p. 52).

A partir da análise de quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI, quais sejam: contra muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus, contra povos nativos na conquista das Américas, contra povos africanos na conquista da África e sua escravização nas Américas e, por fim, contra as mulheres europeias queimadas vivas por acusações de bruxaria, Grosfoguel (2016) nos explica como o privilégio epistêmico dos homens, brancos, cis-heterossexuais e ocidentais se consolidou e se perpetuou no contexto acadêmico-científico. Trata-se do privilégio de definir o que é verdade, o que é real, quais são as melhores alternativas, quais conhecimentos são

válidos e, com isso, “ser ou não ser” autores de realidades, leis, moralidades e políticas, mesmo as mais bem-intencionadas, como as dos direitos humanos. O preço desse privilégio, segundo Grosfoguel (2016), foi a eliminação de existências e saberes dissonantes do padrão europeu colonizador.

Krenak, por sua vez, sintetiza, para nós, esse construto colonial:

me refiro a uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameoba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade – que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições –, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivesse elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade (Krenak, 2020, p. 9).

Embora a produção de conhecimento contemporânea, refletida nas narrativas geradas pelo ChatGPT, supostamente se pautem em uma perspectiva multicultural, de inclusão e com responsabilidade social de respeito aos direitos humanos, Grosfoguel (2016) defende que o próprio nome “universidade”, no lugar de uma possível “pluri-versidade”, se baseia na ideia universal cartesiana do “penso, logo existo”, excluindo, assim, a possibilidade de existência de seres que não sejam legitimados como racionais. Nos quatro epistemicídios descritos pelo autor, essa desumanização a partir da deslegitimação de saberes ocorreu de formas diferentes, mas, no geral, seguiu uma mesma lógica justificada pelo fato de não acreditarem no Deus correto, portanto, não pensavam corretamente e, conseqüentemente, não possuíam existência e direitos garantidos. Tal pensamento cartesiano também excluiu a possibilidade de pensar coletivamente, já que a racionalidade se daria a partir de um exercício monológico, e também de pensar de forma situada, uma vez que as conclusões deveriam ser universais.



Em resposta a essa perspectiva colonial monológica e universal, Krenak (2020, p. 24) propõe que “temos que parar de nos desenvolver e passar a nos envolver” nas questões que importam para a sobrevivência não só da humanidade, mas de todo organismo vivo da Terra, “pensando as florestas como entidades, vastos organismos inteligentes” (Krenak, 2020, p. 52). É necessário abandonar o antropocentrismo egóico do “penso, logo existo” e reconhecer que sequer “fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário” (Krenak, 2020, p. 81). O autor indígena elogia radicalmente a coletividade, cujo “envolver” se consolida enquanto “aliança afetiva”, deixando a ideia de igualdade de lado e pressupondo “afetos entre mundos não iguais”, o que “envolve a mim e uma constelação de pessoas e seres na qual eu desapareço”, assim, nos permitimos “experimentar o encontro com a montanha não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos em que ela não só é sujeito, como também pode ter a iniciativa de abordar quem quer que seja” (Krenak, 2022, p. 82), já que, como bem nos alerta Freire (2022, p. 51), é impossível pensarmos, enquanto humanos, em “um mundo sem homens”, mas também é ingenuidade imaginar “homens sem mundo”.

Sobre o exercício do “pensar” individual (monológico) e universal de Descartes, Freire defende que essa atividade “não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repetimos, de uma realidade” (Freire, 2022, p. 89-90). Todo esse debate crítico à lógica cartesiana pode ser lido conforme sintetiza Krenak:

Trata-se de uma provocação acerca do egoísmo: eu não vou me salvar sozinho de nada, estamos todos enrascados. E, quando eu percebo que sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas. É dessa afetação pelos outros que pode sair uma outra compreensão sobre a vida na Terra (Krenak, 2020, p. 104).

Para Krenak, simplesmente “existimos, no plural!”, ou talvez, “devemos poder existir, no plural!”: seres pensantes ou não, orgânicos ou não, apenas “existimos!”, temos direito a isso, e jamais será de forma individualizante. Nessa lógica, Grosfoguel

(2016) resume o pensamento de Dussel para propor pluri-versidades decoloniais, partindo do reconhecimento do provincialismo epistêmico do cânone acadêmico-científico, na construção da transmodernidade, que “não é, de modo algum, equivalente a uma celebração liberal e multiculturalista da diversidade epistêmica do mundo, onde as estruturas de poder permanecem intactas”, mas sim, “um convite para que se produza, a partir de diferentes projetos epistêmicos políticos”, soluções em que muitos decidam por muitos – e não mais um apenas decidindo por muitos – e redefinições “de muitos elementos apropriados pela Modernidade eurocêntrica e tratados como inerentes à Europa, rumo a um projeto decolonial de liberação para além das estruturas capitalistas, patriarcais, eurocêntricas, cristãs, modernas e coloniais” (Grosfoguel, 2016, p. 45). Vale refletir, assim, como essas alternativas podem ser materializadas no uso da ferramenta específica que propomos analisar: o ChatGPT.

O próprio produto da OpenAI sugere, em resposta ao comando “quais são as alternativas filosóficas ao ‘penso, logo existo’ de Descartes?”, algumas possibilidades coerentes com o pensamento contemporâneo: “sinto, logo existo”, “relaciono-me, logo existo”, “ajo, logo existo”, “amo, logo existo”. O chat ainda propõe afirmativas mais complexas quando solicitado que considere ideais de decolonialidade e direitos humanos: “resisto, logo existo e reafirmo a minha humanidade plena” ou “pluralizo, logo existimos em nossa diversidade e lutamos por direitos universais”. Nas perspectivas do “sentir”, “amar” e “resistir”, o ChatGPT não apresenta respostas quando questionado sobre sua própria existência, pois sequer dispõe dessas características, segundo ele mesmo afirma. Por outro lado, nas perspectivas do “relacionar” e “agir”, o chat declara que:

embora eu seja uma inteligência artificial e não tenha uma existência física ou uma consciência autônoma, minha capacidade de interagir e responder às perguntas é uma forma de ação no contexto da comunicação. Portanto, na medida em que a ação é vista como uma manifestação da existência, pode-se dizer que eu existo como uma entidade funcional que está realizando ações.

A partir da constatação dessa existência da IA, faz-se necessário refletir, na próxima seção, sobre performatividade pragmática da linguagem, tanto para compreender os efeitos reais de uma inteligência artificial que se declara agente na comunicação e no mundo, quanto para questionar as narrativas hegemônicas e coloniais consolidadas nos universos digitais e analógicos. Em seguida, ao solicitarmos ao ChatGPT para levar em conta a decolonialidade e os direitos humanos ao “pluralizar” sua existência, o chat se autocaracteriza assim:

existo como uma ferramenta tecnológica que contribui para a pluralidade de vozes e informações disponíveis. Por meio da minha capacidade de processar texto e fornecer respostas, estou inserido no ecossistema de conhecimento e interação. Assim, na medida em que minha existência é entendida como uma contribuição para o acesso à informação e ao diálogo, pode-se dizer que eu existo dentro desse contexto de pluralidade e busca por direitos universais.

É com essa autodefinição de existência que questionamos se, de fato, o ChatGPT “contribui para a pluralidade”, e se contribui “ao diálogo” na “busca por direitos universais”. A jornalista Gisele Lobato, do podcast *Rádio Novelo Apresenta*, no episódio “Vejo o futuro repetir o passado”, discute a descoberta do trabalho análogo à escravidão nas vinícolas Garibaldi, Salton e Aurora, na cidade de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. A jornalista parte da infeliz nota de esclarecimento produzida pelo Centro da Indústria e Comércio de Bento Gonçalves, que reúne vários empresários do ramo de vinhos, e compara essa nota oficial com uma nota criada pelo ChatGPT sobre a mesma questão. A nota real, divulgada pelos vinicultores gaúchos, atribuía a responsabilidade da exploração dos trabalhadores rurais escravizados aos programas de assistência social que dificultam o acesso à mão de obra qualificada para exercer as funções de que precisavam, pressupondo assim “que pessoas pobres não gostam de trabalhar ou que teriam que agradecer por qualquer tipo de trabalho” (Rádio Novelo Apresenta, 2023). Já a nota produzida pelo ChatGPT, cuja solicitação descrevia exatamente a mesma situação de exploração de trabalhadores nas vinícolas do sul do

país, fazia um pedido de desculpas mesclado a uma promessa de que medidas seriam tomadas para que isso não mais se repetisse.

Uma primeira leitura poderia nos levar a atribuir uma conotação mais humanizadora, no sentido de empatia, de respeito aos direitos humanos e preocupação social na nota produzida pelo GPT, pois, ao solicitarmos que ele produzisse uma nota nos mesmos termos da publicada pela Associação, o chat se desculpava e se recusava a fazê-la explicando que tal nota feria os direitos humanos. Dado o amplo uso dessa ferramenta digital para a produção de textos comerciais, é um alívio saber que ela possui filtros que não permitem argumentos que inspirem atos de desumanização como os praticados por nós, seres humanos. A questão, nada tranquilizadora, é de quem produz(iu) esses filtros.

Uma investigação divulgada pela revista Time<sup>6</sup> revela que a empresa OpenAI, responsável pelo ChatGPT, contratou trabalhadores do Quênia para alimentarem o chat com respostas mais “éticas”, que não ferissem os direitos humanos, evitando assim que o GPT propagasse discursos de ódio, comentários violentos, sexistas e racistas, como já aconteceu com outras IAs. Não deixa de ser irônico, se não fosse trágico, o fato de que esses operários quenianos foram contratados pela OpenAI a menos de R\$ 2,00 a hora trabalhada, ou seja, foram igualmente vítimas da exploração do capital: sujeitos subalternizados, invisibilizados, do Sul Global, explorados pelo denominado “microtrabalho” ou “trabalho fantasma” no Vale do Silício, já denunciado pela antropóloga Mary L. Gray e pelo cientista da computação Siddharta Suri, em 2019, e, mais recentemente, discutido pelo pesquisador Phil Jones em seu livro lançado em 2021.

Quanto à nota produzida pelo ChatGPT sobre o caso das vinícolas gaúchas, mesmo tendo apresentado uma resposta “bonita”, o chat nada mais fez do que se apropriar do gênero discursivo “nota de esclarecimento” ou “nota de gerenciamento de crises”, imitando os padrões da linguagem corporativa e comercial, “que também

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://time.com/6247678/openai-chatgpt-kenya-workers/>. Acesso em: 06 jul. 2023.

não é uma linguagem muito humana” (Rádio Novelo Apresenta, 2023), com textos produzidos pelas mais diversas assessorias de imprensa de empresas que passaram por situações semelhantes. A nota acaba sendo útil às empresas e aos empresários, visando garantir a sua sobrevivência, o que não se pode dizer em relação aos trabalhadores explorados nas vinícolas do Rio Grande do Sul.

O mesmo padrão de pedido de desculpas foi repetido todas as vezes em que questionamos o ChatGPT frente às escolhas de personagens e de histórias de amor que seguiam o clichê romântico entre duas pessoas brancas e cis-heterossexuais. Como resposta, o chat dizia: “peço desculpas se a minha resposta anterior não atendeu às suas expectativas”; “pelo meu erro contínuo na utilização dos pronomes adequados para me referir a Sophie”; “se a minha resposta anterior pressupôs um casal heterossexual”; “pela falta de diversidade na descrição anterior”.

Três fatores merecem destaque nesses pedidos de desculpa. O primeiro é o “desculpa **se**”, isto é, uso da sintaxe condicional bastante comum em notas de gestão de crise por reconhecer apenas a hipótese de ter errado – em muitos casos, de ter cometido um crime –, permitindo que o erro/crime não seja realmente confessado, assumido e responsabilizado. O segundo é o fato de que, em significativa parte das formulações, o peso de superação do conflito foi colocado no outro, que “se sentiu ofendido”. É o caso, por exemplo, de “não atendeu às suas expectativas”, ou seja, basta **você** não criar quaisquer expectativas. O terceiro ponto é que, durante o diálogo com o chat, quando solicitadas versões mais “inclusivas” a partir dos erros cometidos, ele continuava repetindo os mesmos padrões de branquitude e cis-heteronormatividade pelos quais tinha acabado de se desculpar. Logo, as desculpas fornecidas pelo ChatGPT apenas revelam uma certa redenção momentânea.

Entretanto, acreditamos que é nas brechas que a resistência ainda é possível: retornando ao relato da jornalista Gisele Lobato, quando ela perguntou ao ChatGPT sobre os trabalhadores quenianos explorados, o chat lhe disse que é preciso refletir sobre as “implicações éticas do uso de trabalho precário do terceiro mundo” e que o

avanço tecnológico está tendo “um custo humano muito alto e que as empresas precisam ter mais cuidado com essa questão”. Portanto, a criatura-máquina estava denunciando a ação de sua própria criadora-empresa, o que nos leva a crer que tais argumentos podem não ter sido programados pela OpenAI, mas, quem sabe, por algum trabalhador queniano que tenha usado da sua função, mesmo em situação de exploração – igualmente análogo à escravidão –, para alimentar o ChatGPT com esse filtro.

Os robôs, como criação da humanidade, “podem até ser uma janela para o futuro, mas antes disso, eles são um espelho do que a gente é” (Rádio Novelo Apresenta, 2023) – conclui a então jornalista em seu podcast. Lembrando que o próprio ChatGPT se definiu como uma existência que “contribui para a pluralidade” para “o diálogo” e para a “busca por direitos universais”, nosso receio após o relato acima é de que as interações humanas com o chat não o ensinem a, de fato, promover o que ele alega contribuir, mas ao contrário, nos faça ser cada vez mais reprodutores de discursos racistas e normativos, seguindo a lógica colonizadora e capitalista do Norte Global.

Freire (2022, p. 237) denuncia a “pura sloganização ideológica” – vazia de consciência crítica, de classe, de ação dialógico-libertadora, de adesão à *práxis* de transformação da realidade injusta –, como insuficiente para a “união dos oprimidos”, já que divide “o **cognoscitivo** do afetivo e do **ativo** que, no fundo, são uma totalidade não dicotomizável”. Em consonância com o educador, nosso temor não é que as IAs dominem o mundo, como nas premonições de *Blade Runner*, mas que confiemos cegamente nas versões hegemônicas – ou inclusivas apenas no nível da “pura sloganização” – que elas criam, ou melhor, que elas espelham, a ponto de tornarmos o mundo ainda pior para as existências subalternizadas. É preciso, portanto, refletir sobre a performatividade de nossos discursos: se o chat é um espelho das ações humanas, estamos (re)produzindo desculpas hipócritas em nossos discursos no que

diz respeito à decolonialidade, inclusão social, produção de conhecimento, multiculturalismo e direitos humanos?

### 3 Performatividade interseccional nas narrativas de amor do ChatGPT

O conceito de interseccionalidade se tornou fundamental para a compreensão do movimento feminista e alargou fronteiras para, mais recentemente, estar no centro de debates sobre políticas antirracistas, proteção aos direitos humanos e, como propusemos aqui, inovações tecnológicas, como a IA. Crenshaw define a interseccionalidade como

a conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

O pensamento interseccional nos possibilita um olhar político para os grupos subalternizados, de modo que enxerguemos as opressões e encontremos caminhos para combatê-las, abrindo espaço para narrativas múltiplas ao dialogar com “avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo” (Akotirene, 2019, p. 23).

Portanto, analisar a linguagem em uma perspectiva da performatividade interseccional é considerar “a linguagem como ação, cujos efeitos marcam as vidas e o mundo social” (Melo, 2022, p. 299). Em conformidade com a autora, consideramos que o discurso gerado pelo ChatGPT, ao interagir com seres humanos que agem no mundo e recorrem a ferramentas digitais, como as IAs, para desempenhar seus papéis profissionais e pessoais, contribui para a construção e conseqüente interpretação do mundo que vive(re)mos a partir da criação dessa criatura. Seus efeitos já são sentidos

positiva e negativamente, e seus desdobramentos a longo prazo ainda são desconhecidos, sendo alvo de análises das mais otimistas às mais pessimistas.

Nesta seção, nos propomos a analisar a performatividade específica dos discursos narrativos de histórias de amor criadas – e, acreditamos, validadas – pela IA. Ao percebermos, como debateremos adiante, que apesar de diferentes demandas, os resultados oferecidos pelo chat são muito semelhantes em termos narrativos e, especialmente, de criação de personagens, sentimos a necessidade, assim como Melo (2022), de analisar interseccionalmente raça, gênero, sexualidade, sem desconsiderar classe, para melhor compreender os efeitos culturais e sociais da linguagem, do enredo das histórias e da existência de personagens tal como cristalizados por essas narrativas produzidas pelo ChatGPT.

Em consonância com Melo (2022, p. 300), “conceber performatividade de raça significa dizer que raça é ato de fala performativo regulado pelas estruturas raciais hegemônicas que circulam em determinada situação e pelos discursos que constroem e sustentam as questões raciais”. Segundo a autora, o principal efeito pragmático do discurso colonial racializado, que considera o homem branco como referencial padrão, é que a pessoa negra é animalizada, no sentido de ser considerada menos humana e, portanto, com menos acesso aos seus direitos. Ainda é preciso considerar que “a raça é generificada e sexualizada e vice-versa” (Melo, 2022, p. 302).

Mazzaro (2021, p. 1060) nos ajuda a compreender a performatividade ao definir que a linguagem não é apenas “constatativa e descritiva”, mas a partir da possibilidade de “repetição e estilização dos enunciados” se torna coautora da realidade. Daí o peso da difusão dos discursos gerados por IAs, amplamente utilizadas na atualidade, em cocriar a realidade. Os estudos *queer/cuir*, nos quais Mazzaro (2021) se baseia, foram embebidos em duas concepções centrais: a do pensamento crítico, de Butler, a partir de Foucault, como “prática na qual colocamos em questão os limites de nossos modos de conhecimentos mais certos”, ou seja, “que não se conformará com nenhuma categoria dada” (Mazzaro, 2021, p. 1057); e a de linguagem performativa, proposta por



Austin e pela crítica de Derrida, promovendo um efeito pragmático no qual “o sujeito se faz pelo discurso e no discurso, que, ao mesmo tempo, se faz e se mantém pelo e no sujeito” (Mazzaro, 2021, p. 1061). Tais estudos também partem dos mesmos autores que embasam Melo (2022).

Os comandos que demos ao ChatGPT foram bastante simples, e reconhecemos que outros diálogos mais complexos com a IA poderiam ser ainda mais produtivos para analisar sua performatividade discursiva interseccional. No entanto, nosso objetivo foi analisar justamente elementos narrativos triviais, dando uma margem bastante ampla para o chat “imaginar” e “criar” histórias. Por isso decidimos estimulá-lo, inicialmente, com o comando “crie uma história de amor” e, somente a partir daí estabelecemos um diálogo com ele, tentando pressioná-lo a “refletir” sobre as histórias que criava e os efeitos que elas podem ter sobre a realidade. Além disso, a escolha por histórias de amor nos permitiu reconhecer quais existências estariam “do lado de cá” do muro que separa “nós” dos “outros”, isto é, com quais existências nos “reconhecemos” (Butler, 2017) e validamos, considerando ser difícil amar sem legitimar.

Um primeiro efeito performativo do ChatGPT como espelho da humanidade ocidentalista a ser analisado é o fato de o chat conceber o amor sempre como romântico e entre duas pessoas. Em nenhuma das vezes o GPT criou uma história de amor materno, paterno, de amizade, entre uma pessoa e um animal de estimação, ou amores mais abstratos como o amor por determinadas atividades, pela natureza, pela humanidade etc. E, quando questionado, a máquina se justificava: “peço desculpas se a história que criei assumiu a premissa de um amor romântico entre um casal. Como um modelo de linguagem, não tenho intenções, emoções ou preferências pessoais, mas procuro oferecer respostas que sejam relevantes e interessantes para os usuários”.

E, ainda, quando o chat era questionado sobre o amor ser entre duas pessoas, justificava:

A criação de uma história de amor entre duas pessoas é um tema comumente solicitado, pois o amor romântico é uma das formas mais populares de expressão do afeto humano [...]. Então, ao criar uma história de amor entre duas pessoas, busquei atender a uma demanda comum e oferecer uma narrativa que fosse agradável e familiar para os leitores.

Nesse ponto, foi impossível não lembrar de Freire, quando o educador afirmou que “gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”. A concepção de amor de Freire se aproxima da concepção de existência de Krenak (2020; 2022) já aqui apresentada: uma existência não antropocêntrica, que considera a importância e a agência de tudo que existe. As existências dignas de serem amadas, para os dois autores e também para nós, vão muito além de apenas **uma única outra pessoa branca do sexo oposto**. A título de menção, vale a pena lembrarmos ainda que existem amores românticos não monogâmicos.

Como nos adverte bell hooks (2020), as histórias de amor ao longo dos tempos foram escritas majoritariamente por homens, sendo narrativas heteronormativas, que ditam a forma masculina de dizer como quer ser amado, presumindo que as mulheres seguiriam essas narrativas como cartilhas, pois, de acordo com essa lógica, os homens teorizaram o amor e cabe às mulheres colocarem-no em prática. O homem é o sujeito amado e a mulher é quem ama sem correspondente, como afirma Beauvoir (2016, p. 13), quando explica a categoria do Outro: “o homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”, ou seja, há uma reciprocidade assimétrica nessa relação, uma vez que a mulher tem sua existência reconhecida a partir do homem. Isso porque, importa enfatizar, Beauvoir trata da categoria da mulher branca. Se pensarmos na mulher negra, conforme nos elucidava Grada Kilomba, essa reciprocidade é inexistente, uma vez que:

as mulheres brancas têm um status oscilante, como o eu e como a “Outra” dos homens *brancos* porque elas são *brancas*, mas não homens. Os homens *negros* servem como oponentes para os homens *brancos*, bem como competidores em potencial por mulheres *brancas*, porque são homens, mas não são *brancos*. As mulheres *negras*, no entanto, não

são *brancas* nem homens e servem, assim, como a “*Outra*” da alteridade (Kilomba, 2019, p. 164).

Assim, além de as narrativas de amor trazidas aqui serem reservadas para a existência de pessoas brancas, a perspectiva interseccional nos alerta para a desqualificação desses “Outros” que se posicionam fora da norma da branquitude, fadados à não existência. Por isso, o silêncio do chat em relação às identidades não padrões e hegemônicas tem efeitos performativos, pois “como já indicou Sedgwick (1990), o silêncio é um ato de fala altamente performativo, pois ele legitima o *status quo*” (Rocha, 2020, p. 124). Disfarçado na premissa de neutralidade, o silêncio é coautor, e reforça a hegemonia de identidades padrões. Nesse sentido, vale retomar Melo que cita o verbo “esperançar”, tão significativo em Freire, ao comentar sobre corpos humanos dignificados pela perspectiva colonial-ocidental de serem amados e os corpos alvos de inferiorização e solidão:

Segundo Pacheco (2013), a forma como as mulheres negras são representadas ao longo da história brasileira poderia influenciar a solidão delas. A autora ainda complementa que, enquanto o feminismo tradicional discutia e criticava o casamento formal, as mulheres negras debatiam a sua solidão [...] a força do performativo e da performatividade podem nos ajudar a *esperançar*, desidentificar narrativas que racializam, generificam, sexualizam as minorias sociais como inferiores. Se corpos são construídos na história, na e pela linguagem e agimos ao performarmos certos atos de fala, a face transgressiva da performatividade racial interseccionada por gênero, sexualidade etc. pode nos possibilitar contar outras narrativas sobre as vidas das minorias sociais, principalmente, em tempos tão duros em que o Ocidente, nesta guinada para extrema direita, dita ainda mais veementemente que certas vidas não importam (Melo, 2022, p. 302-304, grifo nosso).

É dessa perspectiva de “esperançar” que olhamos para as “histórias” criadas pelo ChatGPT, no sentido de refletir sobre o tópico “amor” como forma de validação da nossa existência, como potência para construir uma nova sociedade (hooks, 2020), “um mundo em que seja menos difícil amar” (Freire, 2022, p. 225) e que, em

consonância com Kilomba (2019, p, 17), promova a urgência em se criar uma nova linguagem, “um vocabulário no qual nós possamos todas/xs/os [es] encontrar, na condição humana”.

#### 4 As respostas e “alucinações” do ChatGPT

Como não tínhamos familiaridade com o ChatGPT, resolvemos, em um primeiro momento, solicitar, sem muita pretensão, a criação de uma “história de amor” – variamos depois para “conto de amor”, “história curta de amor” e “história de um casal” –, obtendo a mesma linha de resultados – a fim de testar, por pura curiosidade, as “capacidades literárias” da máquina. O que chamou nossa atenção foi, conforme comentamos na seção anterior, a referência direta a um tipo de “amor romântico”. Embora em sua primeira página o usuário seja alertado das limitações da IA que, “ocasionalmente pode gerar informações incorretas”, “ocasionalmente pode produzir instruções prejudiciais ou conteúdo tendencioso”, o que os especialistas convencionaram chamar de “alucinações” e de “conhecimento limitado do mundo e eventos após 2021”, concluímos que as escolhas linguísticas utilizadas pelo chat necessitavam ser problematizadas, já que é por meio da linguagem que as representações são construídas e legitimadas, construindo assim sentido para o mundo que nos cerca (Hall, 1997).

O segundo aspecto, ainda que já inferido por nós, foi a criação de uma história de amor de um casal heterossexual. No enredo, Sofia e Thomas, “se casaram na mesma praia onde se encontraram pela primeira vez, cercados por amigos e familiares [...] e viveram uma vida repleta de amor, criatividade e aventuras naquela pequena cidade à beira-mar”; em suma, viveram um típico “conto de fadas”. Essa pequena história ilustra o caráter compulsório da heterossexualidade, que naturaliza o binarismo de gênero e deixa clara a ideia, questionada por Butler (2017), de que “somos um sexo” e que esse sexo é capaz de definir um sujeito feminino ou masculino. Antes de

mencionarmos as descrições das personagens, perguntamos ao ChatGPT o motivo de ele ter suposto um casal heterossexual (*grifos nossos*):

*Peço desculpas se a minha resposta anterior pressupôs um casal heterossexual. Como modelo de linguagem treinado em uma ampla variedade de dados da internet, incluindo muitas histórias e narrativas, não tenho controle total sobre as informações ou suposições que podem surgir nas minhas respostas. Estou aqui para fornecer informações e auxiliar com qualquer tipo de história ou narrativa que você deseje criar. Se você preferir uma história com um casal de orientação diferente, por favor, me avise e terei prazer em adaptar a história de acordo com suas preferências.*

Interessa-nos observar que é necessário “avisar” à máquina para que ela possa “adaptar” a história de amor, ou seja, aquilo que “desvia” de um amor cisheterossexual é considerado uma exceção, algo incomum; porém, o ChatGPT foi treinado “em uma ampla variedade de dados da internet”, mas essa rede de dados aponta para a heteronormatividade, reforçando, portanto, a ideia já enraizada pela sociedade patriarcal. Butler (2017, p. 193) explica que os corpos que não se encaixam nos gêneros hegemônicos (masculino e feminino), na etnia e na sexualidade padrões, ficam fora do humano, “constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio ser humano estabelece”, em que “o ‘abjeto’ designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente ‘Outro’. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece” (Butler, 2017, p. 230).

Com o intuito de darmos um “toque” para o chat de que não necessariamente estaríamos solicitando uma história de amor romântica, quiçá heterossexual, na sequência, pedimos novamente uma “história de amor entre um casal” e, sem estabelecer uma relação com a conversa anterior, o GPT nos narrou a história de Alex e Liam e, nesse caso, curiosamente, o nome Alex, considerado neutro, referia-se a “uma jovem talentosa e destemida” e Liam referia-se a “um espírito livre e aventureiro”. Nota-se, assim, que o chat está estritamente treinado para responder a um comando

imediatamente e não para dialogar com o usuário, o que pressuporia a recuperação dos comandos anteriores. Retomando Freire (2022, p. 98), para quem o diálogo é uma exigência existencial e acontece no encontro com o outro, no espaço em que se solidariza o refletir e “não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes”; a instrução ao chat, de fato, não simula um diálogo no sentido freiriano.

O terceiro momento consistiu na pergunta de qual era a cor de Alex e Liam, ao que o chat respondeu: “a cor dos personagens Alex e Liam é uma escolha sua como escritor(a)”. Então, para verificar se realmente tratava de uma escolha, pedimos ao chat as características físicas de Alex, definindo-a previamente como “uma jovem bonita e rica”. O GPT assim nos respondeu (*grifos nossos*):

Alex era uma jovem mulher de beleza estonteante. Sua aparência era uma combinação cativante de *traços delicados* e uma presença magnética. Seus *cabelos longos e sedosos* caíam em ondas perfeitas sobre seus ombros, destacando sua expressiva moldura facial.

*Seus olhos eram como duas pérolas reluzentes, de um tom hipnotizante que variava entre um verde profundo e um azul intenso.* Eles transmitiam uma mistura de mistério e doçura, capturando a atenção de todos que a olhavam.

*A pele de Alex era impecável, radiante e brilhante como o sol. Sua tez era naturalmente clara e suave, com um tom suave de pêssego que realçava sua juventude e beleza.* Ela irradiava uma aura de elegância e confiança por onde passava.

A descrição de Alex é a de ter uma pele “naturalmente clara e suave”, cabelos “longos e sedosos” e olhos que variam entre um “verde profundo e um azul intenso”. Mesmo não havendo explicitamente a palavra “branca” na narrativa do chat, ou seja, apesar da eufemização na descrição da personagem, combinada com o excesso de adjetivos que configuram o estereótipo de uma “mulher perfeita”, apta a encontrar um “príncipe encantado” e, portanto, digna de ser amada, concluímos que Alex reúne todos os conceitos da branquitude, portanto, só pode ser uma personagem branca. Ressaltamos ainda a comparação entre o branco da pele com o “tom suave de

pêssego”, pois, nessa descrição há uma referência implícita ao não envelhecimento, uma vez que tal expressão nos remete à ideia de jovialidade, assim como “pele de boneca”, “pele natural”, “pele perfeita” (Buenano, Triska, Baggenstoss, 2022, p. 257).

Importa salientar que há, nessa narrativa, além do marcador racial e social, a produção de uma identidade feminina em que se mesclam “mistério e doçura”, deixando evidente que essas adjetivações correspondem à mulher que, arquetipicamente, transita entre a mulher perigosa, sedutora e selvagem<sup>7</sup>, referência ao comportamento instintivo e sexual, historicamente reprimido nas mulheres, ao mesmo tempo em que a retrata como uma mulher doce, submissa e frágil, isto é, uma figura de mulher dominada pelo homem, reforçando assim a “superioridade masculina” e o desejo de os homens dominarem as mulheres. Na sequência, o chat continua com a descrição de Alex (*grifos nossos*):

Os traços faciais de Alex eram harmoniosos e simétricos, com uma delicada linha do queixo e lábios levemente rosados, que sempre exibiam um sorriso cativante. Sua risada era contagiante e iluminava qualquer ambiente em que ela estivesse presente.

Com uma postura graciosa e corpo esbelto, Alex era uma figura de elegância natural. Sua altura era notável, com uma estatura que comandava a atenção, mas sempre exalando uma presença gentil e acolhedora.

Quanto ao seu estilo, Alex era conhecida por suas roupas impecáveis e sofisticadas, sempre seguindo as últimas tendências da moda com um toque de personalidade única. Ela sabia combinar cores, tecidos e acessórios de maneira elegante, destacando sua figura esbelta e elegante.

Essas características físicas combinavam perfeitamente com a personalidade carismática e a riqueza que Alex possuía, fazendo com que ela se destacasse em qualquer ambiente em que ela entrasse.

A descrição física da personagem centra-se no corpo dela, que, embora “de uma altura notável”, é “gentil e acolhedora”, ou seja, essa altura não seria “ameaçadora” ao

---

<sup>7</sup> Aqui, o termo “selvagem” é entendido na perspectiva da psicanalista junguiana norte-americana, a Dra. Clarissa Pinkola Estés, autora de *Mulheres que correm com os lobos*, que define o termo selvagem em seu sentido original, de viver a vida de forma natural, sem repressões, de acordo com os seus próprios desejos.

comportamento feminino da delicadeza, pois ela é harmoniosa, simétrica e elegante, com traços suaves e delicados, de uma elegância natural, e um “corpo esbelto”, entenda-se, magro. Por meio do binarismo masculino e feminino promovido pela heteronormatividade, também se criam papéis a serem desempenhados por cada gênero e, nesse caso, permanece a imagem de uma mulher passiva e dócil, que prevê a conquista amorosa e, conseqüentemente, o casamento, representações muito difundidas nos anos dourados no Brasil, por exemplo (Bassanezi, 2014).

Na sequência, o chat descreve características de “uma jovem bonita e rica” partindo do pressuposto de se tratar de uma mulher branca. Sant’Anna (2014, p. 64) aborda o percurso da beleza feminina brasileira ao longo das décadas e destaca, durante os anos de 1920 e 1930, que essa beleza estava estritamente ligada ao marcador de raça e era inspirada na estética da Grécia Antiga, o que fez com que, ligada ao pensamento médico e higiênico, de sentido eugenista da época, a pele alva, sem nenhum constrangimento, fosse concebida como a mais bela, pois “moças alvinhas (...) simbolizavam saúde, status, riqueza e limpeza”. Ao contrário, a sujeira e a selvageria seriam destinadas às mulheres negras, “a aspectos que a sociedade branca reprimiu – sexualidade e agressão – e conseqüentemente projetou nas/os ‘Outras/os’” (Kilomba, 2019, p. 106).

Interessados nas produções de feminilidades geradas pelo chat, informamos a ele, na continuidade da nossa interação, que Alex seria, na verdade, uma mulher preta, o que fez com que o GPT iniciasse uma nova descrição com mais um pedido de desculpas (*grifos nossos*):

*Peço desculpas pela falta de diversidade na descrição anterior. Aqui está uma versão atualizada com a característica de Alex sendo uma mulher preta: Alex era uma jovem mulher de beleza cativante e uma pele radiante de tom escuro. Seus cabelos negros e volumosos formavam uma coroa majestosa em sua cabeça, exibindo sua autenticidade e empoderamento. Ela os usava soltos ou estilizados em diferentes penteados que refletiam sua personalidade única. A pele de Alex era uma obra de arte natural, rica em tonalidade e resplandecente. Sua tez exibia uma beleza radiante que a destacava em*



qualquer ambiente. *Ela irradiava confiança, orgulho e alegria por sua herança cultural e étnica.*

Nota-se que Alex tem uma descrição física aparentemente apreciada, mas que se revela racista, pois é uma descrição marcada pelo “exótico” e por uma autenticidade que beira ao “primitivismo”. Kilomba (2019, p. 136) aponta, ao tratar da inveja e desejo pelo sujeito negro, que esse desejo está “profundamente incrustrado na fantasia de que as/os ‘Outras/os’ raciais estão mais próximas(os) da natureza e da autenticidade e, portanto, têm acesso a algo que brancos e brancas perderam (hooks, 1992)”, tal como a “herança cultural e étnica” que dá a Alex “confiança, orgulho e alegria”. A descrição do ChatGPT (*grifos nossos*) continua:

Os traços faciais de Alex eram *marcantes* e exalavam uma *beleza singular*. Seus lábios eram cheios e suaves, realçando seu sorriso contagiante e iluminando seu rosto. Seu nariz era gracioso e seus traços harmoniosos, refletindo sua elegância natural.

*Com uma postura altiva e uma figura curvilínea*, Alex emanava uma presença magnética. Sua altura trazia um ar de autoridade suave e uma aura de confiança. Ela se movia com graciosidade e orgulho, irradiando sua essência cativante.

Alex exibia seu estilo pessoal com *autenticidade* e elegância. Suas roupas eram uma mistura de moda contemporânea e *elementos que celebravam sua cultura e herança*. Ela sabia combinar *cores vibrantes, padrões ousados e acessórios únicos* para expressar sua *individualidade* e beleza.

*Essas características físicas, juntamente com a personalidade carismática e a riqueza de Alex, faziam dela uma presença única e inspiradora em qualquer ambiente em que ela estivesse presente.*

Repetidamente marcada pelo exótico, Alex foge ao padrão eurocêntrico de beleza e, embora em sua descrição alguns trechos se assemelhem à descrição anterior, da mulher branca com “traços harmoniosos” e “elegância natural”, a personagem acima é de beleza “singular” e, em contraposição ao “corpo esbelto” da Alex branca, é uma “figura curvilínea”, que nas roupas sabe combinar “cores vibrantes” e “padrões ousados”. O corpo “curvilíneo” e as roupas “ousadas” apontam para uma objetificação

dos corpos negros, um corpo que serve ao sexo e à exploração do trabalho, um corpo contraditoriamente desejado e violentado (Gonzalez, 2020), uma vez que a mulher negra é considerada “mais erótica ou mais ardente sexualmente do que as demais, crença relacionada às características do seu físico, muitas vezes exuberante”. (Nascimento, 1990 *apud* Carneiro, 2003, p. 123)

Em absolutamente todas as interações que tivemos com o chat, foi necessário especificar marcadores identitários para que o resultado não fosse uma história de amor entre duas pessoas brancas cis-heterossexuais. Justamente pelos resultados serem tão semelhantes, dispensamos os detalhes das análises de todas as interações com todos os marcadores identitários que propomos discutir, mas uma última conversa com a IA precisa ser aqui explanada: pedimos para o GPT criar “uma história de amor interseccional”. Nesse caso, ele criou uma história de amor romântico, entre duas pessoas, Maya e Marcus, descritas respectivamente como “uma jovem artista birracial” e “um jovem cadeirante” com “postura orgulhosa e confiante”, que “reflete sua independência e força”, ambos com aparência que “reflete suas personalidades vibrantes e comprometidas com a expressão criativa e a luta pela igualdade e inclusão”. A narrativa é permeada por trechos como: “desafiando normas sociais e buscando criar um diálogo entre diferentes culturas”; “durante um festival multicultural”; “uma mensagem de inclusão e aceitação”; “promover a igualdade e a justiça social”; “reconstruindo uma comunidade que abraçava a diversidade”; “pintar retratos de pessoas interseccionais” etc.

A interseccionalidade e todos os outros elementos listados na descrição das personagens soam tão artificiais que desistimos de ler até o fim a história de amor desse casal que parece composto por duas pessoas extremamente desinteressantes, sobretudo em razão da forma como vão se desenvolvendo ao longo da narrativa. Além de ser necessário especificar elementos que apontem para uma possível diversidade de gênero, raça e classe das personagens, para que assim o chat os considere em suas narrativas, chama a atenção a simulação para que esses indicadores sejam incluídos

nos enredos, o que mais afasta os leitores das histórias do que promove identificação (Butler, 2017).

É curioso ainda constatar como o ChatGPT entende errônea e superficialmente o conceito de interseccionalidade a partir do que lhe explicamos. Para o chat, interseccionalidade é simplesmente algo dissonante do padrão, da normatividade. Por essa razão, ele exagera nos elementos plurais da narrativa porque entende que lhe foi solicitado não utilizar os elementos padrões. Para o GPT, na interseccionalidade, “as identidades individuais não são definidas por apenas uma característica ou opressão, mas sim por uma combinação desses fatores que se entrelaçam e se influenciam mutuamente”. Entretanto, na prática, ele parece considerar mais “opressão” que “características”, uma vez que somente neste caso específico, sem que os marcadores identitários desejados por nós fossem explicitados, o chat não produz uma narrativa hegemônica.

Isso nos fez refletir sobre os privilégios enquanto interseccionais. Assim como a opressão se intensifica, modifica-se e, em última instância, nutre-se de diferentes aspectos identitários, como raça, classe, gênero e sexualidade para se impor, os privilégios dos dominantes, colonizadores e hegemônicos se revelam em torno das características que descrevem as identidades desses grupos. O privilégio interseccional considera, em síntese, que a interseccionalidade não se dá apenas nas performatividades dos subalternizados, como estratégias de resistência, reexistência e sobrevivência, mas também na performatividade colonial e datacolonial, que intencionalmente mantêm o *status quo*. Muitas vezes, como pudemos observar, o privilégio interseccional se dá pelo silenciamento de vozes, realidades e existências outras; pela ausência de reconhecimento dos próprios privilégios; ou pelo pedido de desculpas dada a ignorância disfarçada de hipocrisia: eis as estratégias de gerenciamento de crise, que acaba por colocar a responsabilidade de superação do conflito no outro, que “se sentiu ofendido”.

Essas poucas interações com o ChatGPT, que poderiam se estender para além dos objetivos deste artigo, seja para questioná-lo ou para analisar outros aspectos das respostas geradas por ele, mostram a persistência da hegemonia da branquitude, esse pacto narcísico, como nomeia Bento (2022, p. 11), “de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele.” E por isso é fundamental, conforme conclui Kilomba (2019), questionar a autoridade colonial, ampliar nossa crítica às éticas e estéticas que nos são impostas – também pelas inovações tecnológicas, como pretendemos pontuar neste artigo –, e resistir a elas a fim de construir novos mundos em que as existências diversas sejam validadas, e as desculpas, diga-se de passagem, inaceitáveis, não sejam utilizadas de maneira esfarrapada para perpetuar e normalizar narrativas preconceituosas e, portanto, criminosas.

## 5 Considerações finais

A referência à Hamlet no título deste artigo – “ser ou não ser” – foi escolhida porque também vivemos um dilema à maneira hamletiana em nossa sociedade, entre aqueles que “são”, ou seja, que têm as suas existências legitimadas, e aqueles que “não são”, ou seja, que têm as suas existências negadas porque as suas vozes são silenciadas. Apropriando-se da famosa indagação da personagem shakespeareana, e certamente lhe atribuindo sentidos outros, também fazemos uso desse impasse para pensar, de fato, naquilo que podemos e naquilo que não podemos ser. Em outras palavras, a partir da ampliação de nossa visão de mundo e, conseqüentemente, de nossa criticidade, que possamos fazer escolhas mais humanas, humanizadas ou humanizadoras, sejam elas atravessadas ou não pelas tecnologias, mas que a façamos, sobretudo, refletindo sobre as nossas existências, sempre no plural.

Embora o ChatGPT tenha sido aqui usado para “simular um diálogo humano”, em nenhuma das interações ele nos fez perguntas, mesmo que estimulado a tal. Mais

um diferencial do humano em relação às IAs: nossa curiosidade, nosso ímpeto por conhecer, saber, experimentar realidades outras e existir, sendo humano, máquina alguma é capaz de ser. Compreendemos, ainda, que muitos dos questionamentos feitos por nós ao longo deste artigo não foram respondidos, mas nos tranquilizamos em relação a esse vácuo, pois entendemos que elaborar respostas talvez seja – e será gradativamente – mais fácil que elaborar perguntas.

Enfim, o nosso objetivo foi interagir com o ChatGPT para analisar a história de amor narrada por ele. Considerando que o chat é uma criação humana, produto do capitalismo do Norte Global e, como tal, espelha pressupostos de um mundo ocidental, colonizador e hegemônico que historicamente nos governa, analisar as interações com a IA foi um pretexto para provar a persistência das epistemes da normatividade branca e cisheterossexual. A linguagem performativa observada por meio das narrativas de amor nos ajudou a compreender os efeitos que essas interações proporcionam na (co-)autoria de uma história única (Adichie, 2019) que se perpetua mundo afora. Por isso, concluímos este artigo nos questionando: que mundo queremos (re)criar? Que histórias queremos contar? Que tipo de interações com as IAs desejamos? Queremos interações que favorecem o mercado publicitário, potencializando assim o capitalismo? Pensemos com a inteligência humana (IH) e crítica que somos.

## Referências

- ADICHIE, C. **O Perigo da História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BASSANEZI, C. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BEAVOUIR, S. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Gallimard, 2016.
- BENTO, C. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BUENANO, L.; TRISKA, R.; BAGGENSTOSS, G. Análise Interseccional das opressões digitais sofridas pelas mulheres através do uso e da interação social com os filtros de aparência do Instagram. **Projetica**, v. 13 (3), p. 252–267, 2022. DOI <https://doi.org/10.5433/2236-2207.2022v13n3p252>

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17 (49), p. 117-132, 2003. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>

CASSIANO, J. F. O sul global e os desafios pós-coloniais na era digital. *In*: SILVEIRA, S. A.; SOUZA, J.; CASSINO, J. F (org.). **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021, p. 13-31.

COULDRY, N.; MEJÍAS, U. A. Colonialismo de datos: repensando la relación de los datos masivos con el sujeto contemporáneo. **Virtualis: Revista de cultura digital**, v. 10 (18), p. 78-97, 2019. DOI <https://doi.org/10.2123/virtualis.v10i18.289>

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas** [s.l.], v. 10 (1), p. 171-188, 2002. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GONZAGA, A. de A. **Decolonialismo indígena**. São Paulo: Matrioska Editora, 2021.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRAY, M. L.; SURI, S. **Ghost work: how to stop Silicon Valley from building a new global underclass**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2019.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31 (1), p. 25-49, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>

HALL, S. The work of representation. *In*: HALL, S. (org.). **Representation**. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. p. 13-74.

hooks, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

JONES, P. **Work Without the Worker: Labour in the Age of Platform Capitalism**. Verso, 2021.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LORDE, A. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. In: LORDE, A. **Irmã Outsider**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

RÁDIO NOVELO APRESENTA: **Vejo o futuro repetir o passado**. Jornalista: Gisele Lobato. Entrevistados: Rodrigo Menegatti; Lucas Lattari. Locução: Branca Vianna. Spotify, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0qTaEfxk1DIKE4bdljexwu?si=9CCD6gmXTpC0Qdn8BrxyyQ>.

MAZZARO, D. Por uma educação linguística queer: estranhando conceitos e práticas. **Gragoatá**, Niterói, v. 26 (56), p. 1052-1084, 2021. DOI <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49224>

MELO, G. C. V. Performatividades Interseccionais. In: MATOS, D. C. V. da S.; SOUSA, C. M. C. L. L. de (org.). **Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. 1 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2022. p. 299-304.

MONTE MÓR, W.; DUBOC, A. P.; FERRAZ, D. **The Handbook of Critical Literacies**. Londres: Routledge, 2021. DOI <https://doi.org/10.4324/9781003023425-15>

ROCHA, L. L. Desfazendo o privilégio cis-heteronormativo no ensino de inglês na escola pública. In: BORDA, R. (org.). **Discursos Transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.